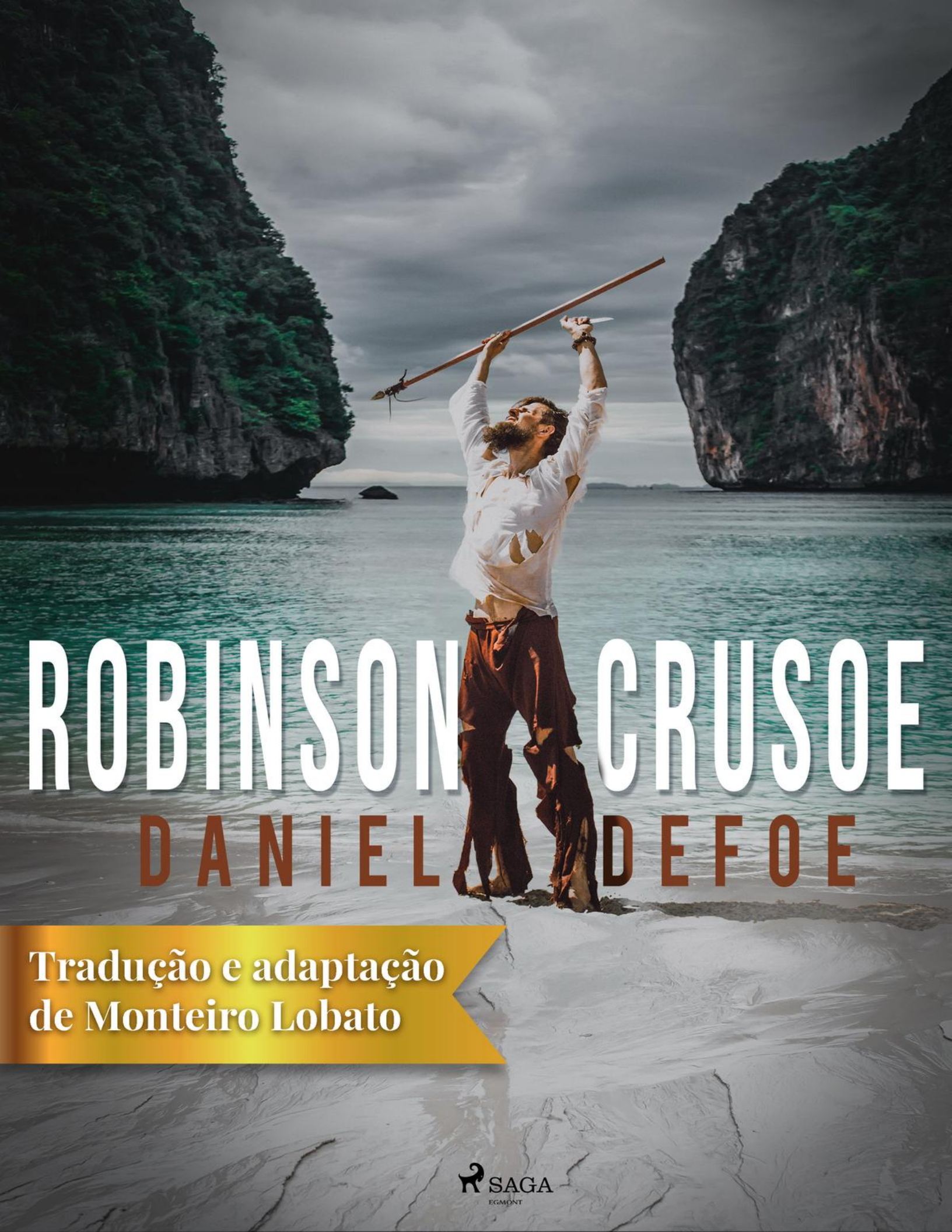
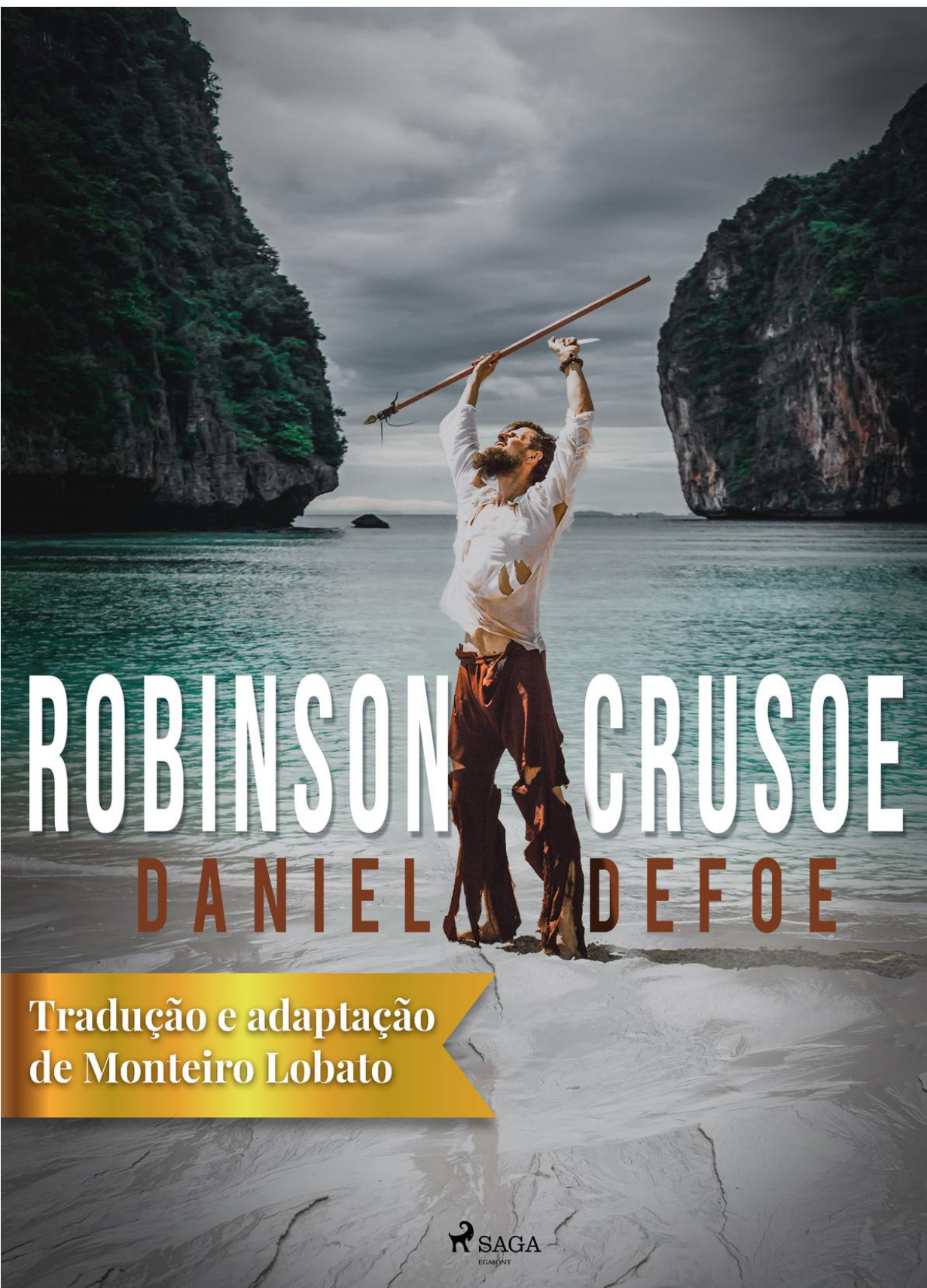


A man with a beard, wearing a white shirt and brown pants, stands on a sandy beach. He is holding a long wooden staff or spear high above his head with both hands. The background features a calm sea and two large, steep, rocky cliffs covered in green vegetation. The sky is overcast with grey clouds.

ROBINSON CRUSOE

DANIEL DEFOE

Tradução e adaptação
de Monteiro Lobato



Tradução e adaptação
de Monteiro Lobato

 SAGA
EGMONT

Daniel Defoe

Robinson Crusoe

SAGA Egmont

Robinson Crusoe

Translated by Monteiro Lobato

Original title: *Robinson Crusoe*

Original language: English

Os personagens e a linguagem usados nesta obra não refletem a opinião da editora. A obra é publicada enquanto documento histórico que descreve as percepções humanas vigentes no momento de sua escrita.

Cover image: Shutterstock

Copyright © 1719, 2021 SAGA Egmont

All rights reserved

ISBN: 9788726621488

1st ebook edition

Format: EPUB 3.0

No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system, or transmitted, in any form or by any means without the prior written permission of the publisher, nor, be otherwise circulated in any form of binding or cover other than in which it is published and without a similar condition being imposed on the subsequent purchaser.

This work is republished as a historical document. It contains contemporary use of language.

www.sagaegmont.com

Saga is a subsidiary of Egmont. Egmont is Denmark's largest media company and fully owned by the Egmont Foundation, which donates almost 13,4 million euros annually to children in difficult circumstances.

Robinson crusoe

M EU NOME é Robinson Crusoe. Nasci na velha cidade de Iorque, onde há um rio muito largo cheio de navios que entram e saem.

Quando criança, passava a maior parte do meu tempo a olhar aquêle rio de águas tão quietas, caminhando sem pressa para o mar lá longe. Como gostava de ver os navios em movimento, com velas branquinhas enfunadas pelas brisas! Isso me fazia sonhar as terras estranhas donde êles vinham e as maravilhosas aventuras aconhecidas em mar alto.

Eu queria ser marinheiro. Nenhuma vida me parecia melhor que a vida do marinheiro, sempre navegando, sempre vendo terras novas, sempre lidando com tempestades e monstros marinhos.

Meu pai não concordava com isso. Queria que eu tivesse um ofício qualquer, na cidade, idéia que eu não podia suportar. Trabalhar o dia inteiro em oficinas cheias de pó era coisa que não ia comigo.

Também não suportava a idéia de viver tôda a vida naquela cidade de Iorque. O mundo me chamava. Eu queria ver o mundo.

Minha mãe ficou muito triste quando declarei que ou seria marinheiro ou não seria nada.

— A vida do marinheiro — disse ela — é uma vida bem dura. Há tantos perigos no mar, tanta tempestade que grande número de navios acabam naufragando.

Disse também que havia no mar terríveis peixes de dentes de serra, que me comeriam vivo se eu caísse nágua. Depois me deu um bôlo e me beijou: “É muito mais feliz quem fica na sua casa.”

Mas não ouvi os seus conselhos. Estava resolvido a ser marinheiro e havia de ser.

— Já fiz dezoito anos — disse um dia a mim mesmo — é tempo de começar — e, fugindo de casa, engajei-me num navio.

Minha primeira viagem

MUITO CEDO me convenci que minha mãe tinha tôda a razão. Vida de marinheiro é vida pesada. Não sobra tempo para brincar, a bordo dum navio, ou pelo menos não sobrava a bordo do meu navio. Mesmo quando o mar estava sereno e o dia lindo, serviços não faltavam, um atrás do outro.

Uma noite o vento começou a soprar com fúria cada vez maior. O navio era jogado em tôdas as direções, como se fôsse casca de noz. Nunca supus que tempestade fôsse assim.

Tôda a noite o vendaval soprou e nos judiou. Fiquei tão amedrontado que não sabia o que fazer, nem o que pensar. Era impossível que o navio não fôsse ao fundo.

Lembrei-me então de casa e das palavras de minha mãe.

— Se escapo desta — disse comigo — outra não me pilha. Chega de ser marinheiro. Só quero agora uma coisa — voltar para casa e nunca mais deixar a companhia dos meus pais.

A manhã rompeu e a tempestade inda ficou pior que de noite. Convenci-me de que estava tudo perdido e resignei-me. De tarde, entretanto, o céu começou a clarear e o vento a diminuir. As ondas perderam a fúria. O navio foi parando de pinotear. A tempestade chegara ao fim.

Na manhã seguinte o sol apareceu, o céu fêz-se todo azul e o mar parecia um carneirinho, de tão manso. Que beleza foi essa manhã!

Eu estava de pé no convés, olhando o mar, quando ouvi passos atrás de mim. Era o imediato do navio, um homem que sempre se mostrava bondoso para comigo.

— Que é isso, Bob? Você parece que teve medo do ventinho da noite passada.

— Ventinho? — respondi. — Tempestade e das boas, isso sim.

O velho marujo riu-se.

— Você é muito novato, Bob. Não sabe ainda o que é uma tempestade. Mas saberá qualquer dia e então há de rir-se de si próprio de haver chamado tempestade ao ventinho de ontem.

O tempo continuou firme por vários dias e meu medo foi desaparecendo. Pouco a pouco fui pondo de lado o projeto de voltar para casa outra vez.

Essa minha primeira viagem não durou muito tempo. Não conheci novas terras, porque o navio só foi até Londres. Mesmo assim muito me maravilhei com as grandes coisas que há nessa enorme cidade.

Meu desejo de fazer longas viagens e conhecer o mundo inteiro tornou-se mais forte do que nunca.

Começo a ver mundo

FOI FÁCIL encontrar um navio como eu desejava, porque Londres é um pôrto donde partem navios para todos os confins da terra. Um dia encontrei um velho capitão que costumava viajar para a costa da África. Conversamos e êle gostou da minha prosa.

— Se você deseja ver mundo — disse o capitão — poderá começar comigo. Meu navio vai para a África negociar com os negros. Levo um carregamento de miçanga e outras bugigangas para trocar com ouro em pó, marfim, plumas e outras coisas sem valor para os negros, mas de muito valor na Inglaterra.

Fiquei muito contente e aceitei o convite, la finalmente ver estranhas terras e estranhos povos. Essa viagem seria uma verdadeira aventura, como as que eu vivia sonhando.

Dez dias depois estava em pleno oceano, a caminho das costas africanas. O capitão foi muito bom para mim. Ensinou-me inúmeras coisas que todo marinheiro deve saber. Mostrou-me como o pilôto dirige o navio, e como se faz uso da bússola.

A viagem foi muito feliz e eu pude ver tanta coisa nova para mim que dava para encher um livro. Além disso, ganhei dinheiro. A minha parte nos lucros da viagem foi de seis libras de ouro em pó. Depois dessa fiz outras viagens, e tomaria muito tempo se fôsse falar de tôdas. Algumas correram tão felizes como a primeira; outras, além de desagradáveis, não me trouxeram nenhum lucro.

Às vezes voltava à África, outras vezes ia às terras da América, bem pouco sabidas ainda. A experiência me ensinou que a vida de marinheiro era, como minha mãe dizia, cheia de duros trabalhos e perigos. Mas por êsse tempo eu não pensava mais nos prazeres das viagens, nem nas aventuras. Só pensava em lucros. Continuei marinheiro por negócio.

Por fim fiz a viagem que pôs ponto final na minha carreira. É o que vou contar agora.

Mais uma viagem

E U JÁ ANDAVA cansado de ser marinheiro, tão cansado que formei a idéia de mudar de profissão.

Nesse tempo estava no Brasil, onde tinha comprado umas terras para plantar cana-de-açúcar e fumo. O solo era fértil e eu poderia enriquecer-me como agricultor.

Mas faltava-me tudo nessa terra nova e deserta. Precisava enxadas e não tinha. Precisava moendas e não tinha. Precisava trabalhadores e não tinha.

Mandei buscar em Londres o que era preciso e tentei comprar alguns escravos dos fazendeiros meus vizinhos. Não consegui. Os escravos dessa gente não chegavam para u muito serviço que havia.

— Podemos fazer outra coisa — disseram êles. — Podemos fretar um navio, aparelhá-lo com tudo o que fôr preciso, carregá-lo de açúcar e fumo e dá-lo a você para negociar.

— Mas, e o meu lucro?

— Escute. Você leva o navio cheio, vende as mercadorias e com o dinheiro traz da África um carregamento de escravos. Metade para nós, metade para você. Dêsse modo fica com os escravos de que precisa e nos ajuda a aumentar o número dos nossos.

O plano me pareceu muito bom e calculei que por êsse processo poderia obter para a minha fazenda um lote de trinta a quarenta escravos escolhidos.

Tendo escapado de tantos perigos no mar, e estando já dono de terras, seria loucura voltar à vida de marinheiro.